

Sucedendo a Luís Mateus Mailasky na presidência da Sorocabana, que tinha então apenas 160 quilômetros de trilhos, ele a deixou, no fim de sua gestão, já na República, com 830 quilômetros, penetrando o sertão bruto da Alta Sorocabana. Já por esse tempo, tinha-se em vista salvar as ferrovias do Estado do tributo pago aos ingleses da **São Paulo Railway**, que detinham o monopólio do transporte ferroviário para o porto de Santos. Constituíam os trilhos da empresa inglesa, garantidos por hábeis “privilégios de zona”, um verdadeiro funil por onde se escoava, nos dois sentidos, todo o comércio exterior de São Paulo.

Mais feliz do que a Mogiana, na sua futura e baldada tentativa de atingir de Jaguariúna (então Jaguari), pelo vale do Atibaia, o porto de São Sebastião, ele planejou a Mairinque-Santos. Sua construção se iniciou porém, apenas na década de 20 para se concluir na década de 30, quebrando, afinal, o monopólio com derivação pela primitiva **Southern São Paulo Railway**, até o litoral sul (a chamada **Santos-Juquiá**).

Vale notar que a biografia do Conselheiro Mayrink e a história da Mairinque-Santos foram escritas por um humilde ferroviário da Sorocabana, Antônio Francisco Gaspar, e merecem uma reedição. Ele é um símbolo do desenvolvimento moderno de São Paulo, repetindo, em termos de tecnologia, os feitos dos antigos bandeirantes.

(De “O Estado de S. Paulo”, 31-10-1979.)

*

CENTENÁRIO DE RESPIGHI (1879 — 1936)

O corrente ano assinalou uma das grandes efemérides da vida musical: o centenário de Ottorino Respighi, de quem se poderá dizer ter sido o maior compositor italiano de música orquestral e sinfônica deste século. Realmente, deveras importante é o seu papel e verdadeiramente marcante o valor da obra que deixou. Coube-lhe como que restaurar a tradição da música orquestral que, na Itália, fora no século passado totalmente eclipsada pela ópera. Não renegando o melodrama — pois foi capaz de escrever diversos — Respighi deu asas ao seu talento sinfônico para colocar-se entre os maiores mestres da orquestração, como o provam não apenas os poemas sinfônicos que compôs, mas, igualmente as peças menores, em que transcreveu preciosas miniaturas escritas primitivamente para o alaúde nos séculos XVII e XVIII. São as três suítes da **Antiche arie e danze per liuto** e mais **Gli Uccelli** (“Os Pássaros”), que teve sua primeira audição mundial em São Paulo, em 1927, regida pelo próprio autor quando de sua visita ao nosso país naquele ano.

Para o poema sinfônico, forma em que atingiu o máximo da perfeição, Respighi foi buscar inspiração na velha Roma: **Fontane di Roma**, **Pini di Roma**, **Feste romane**, ou em temas de significado artístico, como **Vetrate di Chiesa** e o **Trittico botticelleiano**. De sua visita ao Brasil em 1927, resultou **Impressioni brasiliane**, suíte em três partes, das quais a segunda, denominada “Butantã”, retrata as impressões do autor na visita que fez ao célebre Instituto científico desse nome, na capital paulista. Nela, faz a orquestra, em forte sabor descritivo, imitar até o guizo de uma cascável.

Deixou, ainda, obras religiosas, como a **Laude per la Natività del Signore**; peças na forma de concerto: **Concerto Gregoriano**, **Concerto Mixolídio**, **Concerto a Cinque**; música de câmara (dois quartetos); a cantata **Il Tramonto** (“O Crepúsculo”) e numerosa obra vocal. Embora tenha deixado também oito óperas — **Re Enzo**, **Semirama**, **Marie Victoire**, **La bella adormentata nel bosco**, **Belfagor**, **La campana sommersa**, **Maria Egiziaca** e **La Fiamma** — é principalmente como compositor sinfônico que seu nome é lembrado hoje. Creio que, mesmo na Itália, suas óperas são atualmente pouco representadas, embora a amostra que delas conheço — “Belfagor”, a única gravada — só me autoriza a considerá-lo grande também no melodrama, embora este não fosse realmente o seu forte. ONM

* * *

NECROLÓGIO

Registramos, com pesar, o falecimento de diversos amigos da NHB, todos eles interessados em nosso trabalho, acompanhando-nos com interesse e simpatia, alguns desde o número inicial desta publicação: Agostinho Ramos, de Cachoeira, autor de numerosos trabalhos sobre a história do Vale do Paraíba; Alfredo Gomes, nosso colega de turma na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e confrade do Instituto Histórico de São Paulo e da Academia Paulista de História; Antônio Camilo de Faria Alvim, de Belo Horizonte, professor da Universidade Federal de Minas Gerais; César Salgado, da Academia Paulista de Letras; Duglas Teixeira Monteiro, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo; Elmano Cardim, do Rio de Janeiro, jornalista eminente, membro da Academia Brasileira de Letras; Fabio de Macedo Soares Guimarães, nosso confrade do Instituto Histórico Brasileiro; Fernando Goes, nosso confrade de Academia Paulista de História e membro da Academia Paulista